

Fake News em Tempos de Pandemia da Covid-19: um Olhar Sobre o Comportamento Acadêmico

Fake-News in Time of Covid-19: a Look into the Academic Behavior

Andrew Magno Teixeira^{a*}; Edivaldo dos Santos Rodrigues^a; Janaína Pinheiro Gonçalves^b; João da Silva Carneiro^c; Abraão de Jesus Muribeca^d

^aUniversidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Química de Produtos Naturais. RJ, Brasil.

^bUniversidade Federal do Pará, Rede Bionorte. PA, Brasil.

^cUniversidade do Estado do Pará. PA, Brasil.

^dUniversidade Federal do Pará. PA, Brasil.

*E-mail: andrewmagno@ufrj.br

Resumo

Juntamente com a pandemia da COVID-19 surgiu uma infodemia, principalmente de *fake news*, gerando caos, desordem social e desinformação. Diante disso, o objetivo deste estudo foi realizar um diagnóstico sobre a conduta acadêmica frente às *fake news* relacionadas à pandemia da COVID-19, buscando associar o perfil dos participantes da pesquisa e aspectos do consumo e compartilhamento das *fake news*. O público-alvo neste estudo foram ingressos em cursos de graduação, pós-graduandos, professores e técnico-administrativos de várias instituições de ensino regionais, com diferentes faixas etárias e áreas de formação. A coleta de dados foi por meio de um questionário elaborado na plataforma *Google Forms*, cujas informações obtidas foram analisadas quali-quantitativamente. A maioria dos informantes alegou não ter divulgado *fake news* sobre a pandemia e que, antes de compartilhar, refutar e/ou debater sobre a mensagem, consultava a confiabilidade da fonte. Alguns, porém, devido ao déficit no letramento digital, não possuíam a habilidade em consultar fontes confiáveis, tornando-se apenas consumidores passivos e disseminadores de informação, geralmente, inverídicas. Diante disso, sugerem-se a promoção de políticas públicas voltadas para o letramento digital da população em todos os níveis de ensino e maiores investimentos em ações acadêmico-científicas de Popularização da Ciência e Divulgação Científica para o combate às *fake news*.

Palavras-chave: Ensino Superior. Infodemia. Letramento Digital. Novo Coronavírus.

Abstract

Along with the pandemic of COVID-19, an “infodemic” has also emerged, mainly of *fake-news*, generating chaos, social disorder and misinformation. Therefore, the goal of this study was to develop a diagnosis on the academic conduct in face of *fake-news* related to COVID-19 seeking to associate the profile of research participants and aspects of consumption and sharing of *fake-news*. The target audience in this study are those enrolled in undergraduate and graduate courses, professors and administrative technicians from various regional educational institutions, with different age groups and areas of training. Data collection was carried out through an on line inquiry form whose information was analyzed qualitatively and quantitatively. Most informants claimed not to have disseminated *fake-news* about the pandemic and that they consulted the reliability of the source before sharing, refuting and/or debating the message. Some, however, due to the deficit in digital literacy, did not have the ability to consult reliable sources, becoming only passive consumers and disseminators of information that was usually untrue. In view of this, we suggest the promotion of public policies aimed at the digital literacy of the population at all levels of education and greater investments in academic-scientific actions for the popularization of science and scientific dissemination to combat *fake-news*.

Keywords: Higher Education. Infodemic. Digital Literacy. New Coronavirus.

1 Introdução

Desde meados de março de 2020, no cenário mundial instalou-se a condição de pandemia causada pelo agente viral Sars-CoV-2, causador da COVID-19, que exigiu uma emergente readaptação dos sistemas de saúde e do modo de vida social (ARAÚJO; COMASSETO, 2021; OLIVEIRA, 2020). Neste contexto, a divulgação rápida de informações oriundas de fontes seguras e embasadas na Ciência é a maneira mais eficiente de orientação, redução do pânico e do contágio da população, além de funcionar como um instrumento indispensável para fornecer dados para a clínica médica atuar de forma estratégica e eficiente (SONG; KAROKO, 2020). Isto pode ser alcançado graças aos recursos tecnológicos, oriundos dos avanços da internet, que permitem que diálogos

e o compartilhamento de conteúdos entre indivíduos se torne algo simples e rápido, pois com um “click” a informação pode ser remetida instantaneamente a diversos destinatários (PINHEIRO; TERUEL, 2020).

Associada à pandemia, surgiu a infodemia, que é caracterizada por uma quantidade e variedade excessiva de informações de distintas qualidade e credibilidade, podendo ser verdadeiras, falsas ou imprecisas, sendo as redes sociais o principal veículo dessas informações, geralmente, inverídicas, conhecidas como *fake news* (DELMAZO; VALENTE, 2018; FARIAS; CARDOSO; OLIVEIRA, 2020; KALIL; SANTINI, 2020). Estas *fake news* se tornaram coadjuvantes do colapso, visto que encorajam o abandono das medidas de prevenção e exposição de risco; descumprimento de medidas de segurança

e biossegurança; consumo irracional de medicamentos; acúmulo exagerado de alimentos; resistência a vacinação; vandalismo, entre outros (PENNYCOOK, 2020; VAN DER LINDEN; ROOZENBEEK; COMPTON, 2020). As *fakes news*, no geral, são criadas para propagar a desinformação relacionada, sobretudo, às questões políticas, econômicas e sociais, e resultam em diversos impactos negativos à sociedade (FERREIRA; LIMA; SOUZA, 2021).

Diante deste cenário, o abandono das medidas de prevenção motivado pelas *fake news* está relacionado à alta permeabilidade de informações que divergem de prevenções orientadas por estudos científicos, além de serem exponencialmente nutrida pela população mais abastada de conhecimentos técnico-científicos (ATEHORTUA; PATINO, 2021; LOCKYER et al., 2021). De certa forma, essa responsabilidade pelo combate às *fake news* recai sobre o público acadêmico, que, teoricamente, detém um perfil métrico de acesso às informações impermistas do conhecimento científico, pois, em tese, sabem lidar com as ferramentas e mecanismos de pesquisas que possibilitam a autenticação das informações (IGBINOVIA; OKUONGHAE; ADEBAYO, 2021).

Neste processo, a universidade exerce um papel crucial no progresso de uma sociedade, sendo privilegiadamente considerada como um *locus* para produção e acumulação do conhecimento científico e formação da cidadania crítica, estando associada ao desenvolvimento econômico, social, cultural e político da sociedade (ASSIS; BONIFÁCIL, 2011). Uma forma representacional assídua da universidade na sociedade pode ser por meio de atividades de extensão, visto que há a perspectiva de colocar em prática o que se aprendeu no âmbito acadêmico ao estabelecer o contato entre o aprendiz e a sociedade, havendo a geração de benefícios para ambos (RODRIGUES et al., 2013).

Nesta perspectiva, o processo de letramento digital, ao ser acentuado na formação superior, propicia embasamento suficiente para encontrar, avaliar, utilizar, compartilhar e criar conteúdos específicos e magistrais usando ferramentas tecnológicas de informação e internet (KRABBÉ, 2018). Assim, esse conjunto de habilidades necessárias para manejo de tecnologias digitais para uso individual e coletivo tem cargo essencial para a classe docente, devido possuir a responsabilidade de formação da criança, jovens e profissionais (ASSIS; COSTA; FALEIRO, 2021). Deste modo, o letramento digital permite ao indivíduo atuar como cidadão ativo e crítico em uma sociedade tecnológica, estando conscientes das formas e dos usos das tecnologias digitais da informação e comunicação (ASSIS; COSTA; FALEIRO, 2021).

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é realizar um diagnóstico sobre a conduta de pessoas, que tiverem acesso ao ensino superior, frente às *fake news* relacionadas à pandemia da COVID-19, buscando associar o perfil dos participantes da pesquisa e aspectos do consumo e compartilhamento das *fake*

news relacionadas à pandemia vigente.

2 Material e Métodos

Esta pesquisa teve uma abordagem quantitativa caracterizada pelo emprego de instrumentos estatísticos para a coleta e tratamento de dados, preocupando-se com o conhecimento geral dos fatos (RAUPP; BEUREN, 2006). Tratou-se também de uma pesquisa qualitativa, pois pretendeu compreender como as pessoas interpretavam suas experiências, construções de seus mundos e atribuíam significado a suas ações, de acordo com suas perspectivas particulares e não dos pesquisadores (SCHNEIDER; FUJII; CORAZZA, 2017). Em uma pesquisa científica, os tratamentos quantitativos e qualitativos dos resultados podem ser complementares, enriquecendo a análise e as discussões finais, sendo este tipo de metodologia empregado frequentemente em pesquisas de natureza social e cultural com análise de fenômenos complexos e específicos (MINAYO, 1997; PRAÇA, 2015).

Para a realização desta pesquisa, tomou-se como público-alvo ingressos em cursos de graduação, graduados que não têm mais vínculo institucional, pós-graduação, professores e técnico-administrativos de várias instituições de ensino regionais, que tiveram acesso à educação superior. Estes indivíduos acessaram a um questionário elaborado na plataforma *Google Forms* por meio de um link de acesso direto compartilhado por meio de plataformas digitais. Junto ao questionário foi anexado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, onde apresentou-se o objetivo da pesquisa e uma breve descrição do público-alvo, com a intenção de selecionar apenas informantes que se identificassem com o escopo da pesquisa.

O questionário foi elaborado com base nas orientações de Gerhardt e Silveira (2009) e apresentou perguntas abertas, fechadas e mistas, as quais versaram sobre o perfil do entrevistado (faixa etária, formação acadêmica, área de formação e profissão) e questões relacionadas à conduta acadêmica frente às *fake news*, como ter compartilhado ou não este tipo de mensagem, a consulta das fontes das informações, o intuito em compartilhar os conteúdos, o dever de validar ou refutar as supostas *fake news* e a simulação do tipo de mensagem que poderia ser compartilhada nas redes sociais, no início da pandemia. Para esta última questão, foram dadas as seguintes mensagens: “Estudos científicos apontam que conviveremos com os reflexos da pandemia por pelo menos 2 anos, caso o distanciamento social seja ignorado”, “Uma vacina anti-Covid poderá estar pronta até o final do ano de 2020” e “O ministério da Economia reúne dados estatísticos que podem ser positivamente decisivos para a flexibilização do isolamento social e retomada das atividades”.

Após sua elaboração e estruturação, fez-se um teste de validação para avaliar se era possível obter todas as informações necessárias a partir da conformação das perguntas presentes no questionário. Para tal, uma população de 20 indivíduos foi

selecionada, de maneira randômica e externos a pesquisa pós-validação, para esta primeira etapa.

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva para a determinação de frequências relativas, enquanto as informações qualitativas foram utilizadas como complemento das quantitativas, sendo discutidos no corpo do manuscrito. Após a análise de conteúdo, foram elaboradas algumas reflexões sobre o perfil dos participantes da pesquisa e suas condutas frente ao consumo e compartilhamento de *fake news*. Esta pesquisa foi aplicada entre setembro e outubro de 2020.

3 Resultados e Discussão

3.1 Perfil dos participantes da pesquisa

Esta pesquisa contou com 227 participantes, cuja maioria (55,0%) esteve na faixa etária compreendida entre 18 e 24 anos, seguido dos que estiveram entre 18 e 24 anos (15,0%) (Tabela 1). Em relação ao grau de instrução, 65,0% estavam cursando o ensino superior, 12,0% possuíam graduação completa, enquanto os demais tinham concluído a pós-graduação (títulos de mestres e/ou doutores) ou estavam em cursos de especialização em andamento (Quadro 1). No Brasil, em relação à Educação Superior, os egressos do ensino médio (geralmente, os jovens) são a maioria dos ingressantes neste nível de ensino (FRANCO, 2008).

Quadro 1 - Características socioeconômicas dos participantes desta pesquisa

Característica	Variáveis	%
Faixa etária	18 a 24 anos	55,0
	24 a 30 anos	15,0
	30 a 50 anos	25,0
	> 50 anos	5,0
Grau de instrução	Graduação em andamento	65,0
	Graduação completa	12,0
	Pós-graduação completa	13,0
	Pós-graduação incompleta	10,0
Profissão	Professor da educação básica	13,9
	Professor da educação superior	25,1
	Coordenação universitária	7,1
	Não trabalham na área de formação	53,9

Fonte: Dados da pesquisa.

As áreas de formação destes informantes foram: Ciências exatas e naturais (62,9%), Ciências humanas (26,8%), Linguagem e códigos (9,4%) e Tecnologias (0,9%). Apesar disso, verificou-se que estes indivíduos, em sua maioria, não estavam atuando em suas respectivas áreas de formação (53,9%), pois, predominantemente, o curso de graduação estava em andamento, enquanto outros atuavam como professores do ensino superior (25,1%) ou do ensino fundamental ou médio (13,9%) (Quadro 1).

Com base no perfil obtido, vislumbra-se a vivência desses

indivíduos no meio acadêmico e, conseqüentemente, pode-se enveredar discussões sobre a atuação desses como atores sociais no consumo e divulgação das *fake news* atreladas à pandemia da COVID-19. Neste sentido, pode-se inferir que uma maneira de deixar a sociedade menos vulnerável às notícias inverídicas é estimular conversações entre representantes da Ciência e a população por meio de atividades de divulgação científica, estimulando a criticidade e alfabetização científica da comunidade em geral, cujo processo tem resultados mais emergentes quando são vinculados às redes sociais (DANTAS; MAIA, 2020).

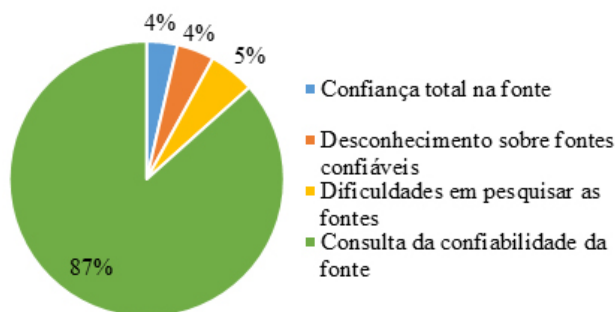
Neste debate de sobrepujar a barreira entre Ciência e sociedade destaca-se a importância do público acadêmico como catalisador deste processo, visto que na universidade o estudante terá seu primeiro contato com diferentes recursos e materiais, que o ajudarão tanto na sua profissão quanto na criação de mecanismos de tornar a Ciência mais acessível ao público em geral, até mesmo aos que são poucos familiarizados com os conhecimentos científicos, que são os chamados “leigos” (DAPIEVE; STRIEDER; CUNHA, 2021).

3.2 Aspectos da conduta acadêmica em relação às *fake news*

Em relação ao compartilhamento virtual de *fake news* relacionados à pandemia, a maioria (78,1%) afirmou não ter divulgado este tipo de notícias, enquanto os demais alegaram que talvez tenham compartilhado este tipo de mensagem devido à insuficiência de conteúdos sobre a doença (16,1%) ou afirmaram que compartilharam *fake news*, sem terem consultado a veracidade da informação (5,8%). Neste sentido, considera-se que a principal motivação para que as *fakes news* consigam se propagar rapidamente, no cenário pandêmico, está relacionada ao fato de os usuários da internet serem sobrecarregados pela quantidade e velocidade de conteúdos que recebem a todo momento e, por isso, acabam não tendo tempo de conferir a origem, credibilidade e veracidade de todas essas informações (BRISOLA; BEZERRA, 2018; SOUZA JÚNIOR et al., 2020).

Quanto ao ato de consultar as fontes das mensagens recebidas sobre a COVID-19, grande parte dos informantes (86,6%) admitiu que averigua a confiabilidade da fonte dessas informações e, em contrapartida, 3,6% afirmaram confiar totalmente na fonte emissora do conteúdo, como líderes religiosos, parentes etc. (Figura 1). Sobre isso, pode-se inferir que a infodemia dificulta o acesso das pessoas às fontes confiáveis de informação, cujos dados científicos acabam não tendo o mesmo alcance que as *fake news* rapidamente disseminadas (ORSO et al., 2020). Somado a isso está a falta de conhecimento técnico-científico e pensamento crítico, visto que cerca de 38 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais (IBGE, 2018). Existem ainda pessoas que apenas acreditam no que é publicado [ou falado] por indivíduos do grupo religioso a qual pertence, não se importando com outras evidências (VARJÃO, 2017).

Figura 1 - Conduta dos participantes da pesquisa em relação ao ato de consultar as fontes das informações virtualmente recebidas sobre a COVID-19



Fonte: Dados da pesquisa.

Em contato com uma suposta *fake news*, a maioria dos entrevistados (37,6%) relatou que refuta a fonte emissora; 24,3% alegaram se abster do debate de opiniões por acreditar que não possuem argumentos suficientes na especificidade da área onde se enquadra a informação; 23,5% abrem pautas para discussões para examinar a extensão da validade dos conteúdos e chegar a um consenso, validando ou refutando a mensagem; e 14,6% se abstêm de discussões por acreditarem que não seja uma atitude construtiva. Neste sentido, Matos (2020) destacou como uma estratégia importante no combate à propagação de *fake news* a viabilização do conteúdo científico confiável à população, de forma facilmente acessível e atraente a diferentes grupos sociais, como por meio de ações de Popularização da Ciência e da Divulgação Científica.

No contexto da pandemia vigente, o compartilhamento de mensagens correlatas tem o intuito, conforme 65,5% dos informantes, de promover a disseminação de informações seguras e coesas; 26,1% relataram que o compartilhamento ocorria para promover a calma entre a população; e 8,4% as compartilham a fim de alcançar o maior número de pessoas, mesmo que estas informações ainda estejam sob pauta de validação. Destaca-se que as informações falsas são produzidas com autoridade e persuasão de modo que o usuário não as perceba e o período pandêmico vigente foi propício para a geração e disseminação dessas *fake news* pelas mídias sociais, contribuindo para o caos informacional e a desordem social (FERREIRA; LIMA; SOUZA, 2021), sobretudo no início da pandemia, devido à falta de conhecimento sobre o novo coronavírus e o tratamento da doença.

Partindo da premissa de que a universidade tem o papel de indicar o caminho de informações verídicas à população, a maioria dos informantes (66,1%) relatou que possui o dever e o compromisso de veicular e/ou refutar informações compartilhadas; 24,6% não tem certeza de como ajudar nesse cenário; 9,3% relataram que as discussões sobre essas questões cabem aos órgãos de saúde pública e outros. Nesta perspectiva, as pessoas necessitam desenvolver um conjunto de competências culturais capazes de aferir estratégias discursivas e construir significados que as permitam participar ativamente de práticas sociais, pois as tecnologias atuais desencadearam uma nova maneira destes sujeitos relacionarem-se com as informações

em circulação (TOMÁS; TOMÁS; ANDREATTA, 2020). Um exemplo disso no meio acadêmico foi a atividade de extensão em que foi utilizado um perfil do Instagram para disponibilizar à população *posts* informativos sobre a COVID-19 e *lives* com profissionais especialistas, a fim de combater as *fakes news* (SOUTO et al., 2020).

Considerando o início da pandemia, a simulação das mensagens que estes informantes estavam dispostos a compartilhar foram: “Estudos científicos apontam que conviveremos com os reflexos da pandemia por pelo menos 2 anos, caso o distanciamento social seja ignorado” (59,4%), “Uma vacina anti-Covid poderá estar pronta até o final do ano de 2020” (33,9%) e “O ministério da Economia reúne dados estatísticos que podem ser positivamente decisivos para a flexibilização do isolamento social e retomada das atividades” (6,7%).

Com base nisso, foi predominante a mensagem sobre o distanciamento social, que foi uma recomendação muito depreciada devido, dentre outras hipóteses, às *fake news* e/ou discursos e opiniões dos tomadores de decisão, como líderes políticos sobre a ineficácia do método (SOUSA, 2020). Outro problema foram as inúmeras *fake news* sobre métodos preventivos ou curativos, sendo que, naquele momento, não existia nenhum tipo de medicamento, tratamento ou vacina específica para o novo coronavírus (SOUSA JÚNIOR et al., 2020).

3.3 Algumas reflexões sobre o perfil dos participantes e suas condutas frente às *fake news*

Começamos este novo subtópico de discussões com um chamado pertinente: esta pesquisa tem um caráter estritamente científico, onde buscou-se uma compreensão holística da participação informativa de membros que, em algum momento, tiveram/têm contato com a universidade e daí, em teoria, podem contribuir de maneira assídua e convicta no combate a desinformação e negacionismo. Em nenhum momento houve posicionamento para fazer alguma espécie de julgamento de juízos de valores o que levaria ao infringimento da ética em pesquisa, invalidando a importância dos dados gerados em nosso levantamento.

Com a dissipação de possíveis mal entendidos realizada, podemos retomar a ideia central do trabalho. Assim, acredita-se que hoje a humanidade esteja vivendo na era da pós-verdade, a qual reina a desordem informacional e a confiança das massas populacionais no governo e nas instituições torna-se gradativamente mais frágil (FALCÃO; SOUZA, 2021). Em outras palavras, tornou-se comum os membros da sociedade darem maior credibilidade naquilo que os convêm, levando em consideração, em alguns casos, apenas fatores emocionais, como possíveis curas a determinadas doenças, sem que haja comprovação científica para tal tratamento. Nesta conjectura, e reforçado pelo cenário pandêmico, as *fake news* encontraram nas mídias sociais um ambiente fértil e propício ao seu desenvolvimento e disseminação.

Desde o início da pandemia vigente, o conteúdo dessas *fake news* variam desde aquelas que os pesquisadores chamam de “ciências médicas” que supostamente curariam os sintomas do COVID-19, como “café previne coronavírus” ou “alimentos alcalinos evitam coronavírus”; àquelas denominadas de “falsa cura”, por exemplo: “governo do Brasil encontra cura para coronavírus” ou “paciente com coronavírus curado em 48 h com remédio de aids” (FALCÃO; SOUZA, 2021). Neste contexto, a ideia que se destaca é a correlação entre essas *fake news* e as áreas do conhecimento científico, ou seja, são temas relativamente fáceis de serem discutidos pelas ciências naturais ou médicas, o que se trata de um ponto de suma importância para compreender alguns dos dados obtidos na presente pesquisa.

O primeiro desses dados é o perfil dos informantes, a qual permite evidenciar que a maioria pertencia à área de ciências exatas e naturais, ou seja, o grupo que estaria mais apto a lidar ou avaliar a veracidade das diversas notícias que surgiram nas redes sociais. E de fato, os resultados indicaram que a maior parte dos sujeitos da pesquisa (universitários, docentes e técnico-administrativos) alegou que tem o dever e o compromisso de veicular e/ou refutar as informações que são consumidas e compartilhadas nas redes sociais, pois, afinal, estes sujeitos são potenciais formadores de opiniões. Outros, porém, relataram não possuir saberes específicos da área para argumentarem contra possíveis *fake news*, talvez, devido à área de formação a qual pertencem, e, por isso, alegaram a preferência de se abster de discussões por mera acomodação.

O segundo ponto a ser ressaltado consiste nos entrevistados que têm dificuldades em pesquisar informações em fontes confiáveis, nos que desconhecem tais fontes e nos que confiam totalmente na fonte emissora, não havendo a necessidade de conferir a veracidade da mensagem. Isto é uma das questões que se apresentam às instituições de ensino, especialmente as do ensino superior, pois precisam capacitar as pessoas para navegarem de forma segura na internet, além de as ensinarem a filtrar os conteúdos que consumirão e compartilharão com outras pessoas (CID-LEAL; PERPINYÀ-MORERA, 2015). Estes autores ressaltaram ainda que a rede de internet se tornou o recurso privilegiado para a pesquisa de informação no meio acadêmico e os estudantes preferem a informação presente em recursos fáceis de localizar e de aceder ao invés de privilegiar os critérios de qualidade da informação.

A escassez de informações sobre a prevenção ou tratamentos para a COVID-19, no início da pandemia, juntamente com o distanciamento e o risco de contaminação, tornou as pessoas mais propensas a sofrerem estresses psicológicos e, conseqüentemente, mais interessadas em buscar e acreditar em notícias ou dados não confirmados, disseminados pelas redes sociais ou sites (TASNIM; HOSSAIN; MAZUMDER, 2020). Porém, os dados aqui discutidos mostraram essa perspectiva por meio do interesse de uma parcela significativa dos informantes em pesquisar as notícias e iniciar debates,

que levariam a um maior esclarecimento sobre as temáticas abordadas nas *fake news*. Porém, houve aqueles que consideraram o debate de tais assuntos não construtivos, o que pode ser compreensível quando se considera que muitos desses debates acabam gerando mais dúvidas e/ou geram discussões fervorosas a partir de divergências de ideais, geralmente associadas a pensamentos políticos ou ideologias conspiratórias.

O conhecimento científico e popular são duas categorias de saberes que costumam caminhar juntos no cotidiano das pessoas. Porém, espera-se que, no público universitário, a confiabilidade informacional esteja mais voltada para o conhecimento científico e associado ao seu cotidiano. Isto, de certa forma, pode estar relacionado ao maior número de informantes que compartilhariam notícias, a partir de estudos científicos, sobre os impactos prolongados da pandemia caso o distanciamento social fosse ignorado e a iminência de uma vacina contra a COVID-19. No entanto, houve aqueles que afirmaram confiar em familiares ou líderes religiosos como fontes suficientes para julgar a veracidade de uma notícia. Estes indivíduos podem ser os mais vulneráveis ao consumo e compartilhamento de *fake news*, que contêm em seu escopo palavras ou termos específicos para manipularem as pessoas desinformadas a partir de suas crenças e ideologias.

As redes sociais podem ser uma grande aliada das instituições de nível superior para divulgar e tornar acessível o conhecimento científico em diversas esferas sociais, além de oferecer informações com mais segurança e confiabilidade por meio do compartilhamento de páginas ou sites de fontes confiáveis (FERGUSON et al., 2014). Contudo, entre alguns participantes da pesquisa, verificaram-se deficiências em lidar de maneira crítica, segura e confiável frente às *fake news*, como a negligência daqueles que disseram terem meios de averiguar informações duvidosas e ainda assim não o fazerem, ou daqueles que alegam possuir conhecimentos mais avançado na área terem compartilhado notícias falsas. De certa forma, estas pessoas, apesar da área de formação e atuação, acabam contribuindo com a disseminação de notícias inverídicas, tonando-se apenas consumidores passivos de informações ao invés de consumidores ativos e críticos na sociedade.

4 Conclusão

Os sujeitos desta pesquisa pertenceram a entidades de formação superior (acadêmicos, corpo docente e técnico-administrativo), cujo perfil permitiu correlacionar aspectos da área de formação e atuação às suas condutas frente ao consumo e disseminação de notícias duvidosas ou enganosas e de mensagens seguras e verídicas. Em sua maioria, estas pessoas letradas alegaram possuir conhecimento sobre fontes confiáveis e seu manuseio, não compartilhar notícias enganosas e ter o dever de disseminar informações seguras à população e, no caso, das *fake news*, refutá-las. Entretanto, foram percebidas algumas dificuldades em pesquisar fontes confiáveis, incitar

debates saudáveis sobre a temática, contradizer notícias enganosas ou falta de preocupação na busca por informações com credibilidade científica.

Ficou notória a existência de indivíduos que não se sentiam responsáveis pela informação a ser compartilhada, podendo propagá-la ao acreditar em sua veracidade, além de vincular esta responsabilidade aos órgãos do Poder Público, líderes políticos e autoridades. Porém, neste viés, deve-se considerar também que a falta do letramento digital é um déficit no sistema educacional e que contribui com a propagação de *fake news* e com a desinformação. Nestes aspectos, são sugeríveis a promoção de políticas públicas voltadas para o letramento digital da população em todos os níveis de ensino e maiores investimentos, principalmente por parte das instituições de ensino superior em parceria com o Poder Público, em ações de Popularização da Ciência e Divulgação Científica para o combate às *fake news*, que causam caos e desordem sociais, conforme observado durante o período pandêmico da COVID-19.

Referências

ARAÚJO, S.A.; COMASSETTO, L. O protagonismo do Enfermeiro na organização de serviços de saúde durante a pandemia da COVID-19. *Res. Soc. Develop.*, v.10, n.1, p.e48110112014-e48110112014, 2021. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.12014>

ASSIS, M. P.; COSTA, E. R.; FALEIRO, W. Docência universitária e letramento digital: desafios da formação de professores. *Revista Diálogo Educacional*, v. 21, n. 68, p. 127-154, 2021. doi: <http://doi.org/10.7213/1981-416X.21.068.DS06>

ASSIS, R.M.; BONIFÁCIL, N.A. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. *Educ. Fronteiras On-Line*, v. 1, n. 3, p. 36-50, 2011. doi: <http://doi.org/10.30612/eduf>

ATEHORTUA, N.A.; PATINO, S. COVID-19, a tale of two pandemics: novel coronavirus and fake news messaging. *Health Promotion Int.*, v.36, p.524-534, 2021. doi: <https://doi.org/10.1093/heapro/daaa140>

BRISOLA, A.; BEZERRA, A.C. Desinformação e circulação de “Fake News”: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. Anais [...], Londrina, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1219/1636. Acesso em: 04 jun. 2022.

CID-LEAL, P.; ERPINYÀ-MORERA, R. Competència informacional en traducció: Anàlisi dels hàbits dels estudiants universitaris en la consulta i l'ús de fonts d'informació. *BiD*, n. 34, 2015. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/BiD/article/view/294831>. Acesso em: 4 jun. 2022.

DANTAS, L.F.S.; MAIA, E.D. Scientific dissemination in the fight against fake news in the Covid-19 times. *Res. Soc. Develop.*, v.9, n.7, p.1-18, 2020. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4776>.

DAPIEVE, D.F.S.; STRIEDER, D.M.; CUNHA, M.B. A produção sobre divulgação científica na formação inicial de professores de Química. *Res. Soc. Develop.*, v.10, n.3, 2021. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13703>.

DELMAZO, C.; VALENTE, J.C.L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de

cliques. *Media Journal.*, v.18, n.32, p.155-169, 2018. doi: https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_11.

DI DOMENICO, G. et al. Fake news, social media and marketing: asystematic review. *J. Business Res.*, v.124, p.329-341, 2021. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.11.037>

FALCÃO, P.; SOUZA, A.B. Pandemia de desinformação: as fakes news no contexto da Covid-19 no Brasil. *Reciis*, v.15, n.1, p. 55-71, 2021. doi: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2219>.

FARIAS, L.A.; CARDOSO, I.; OLIVEIRA, P.R.N. Comunicação, opinião pública e os impactos da revolução digital na era da pós-verdade e fake news. *Organicom*, v.17, n.34, p.71-81, 2020. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.176133>.

FERGUSON, C. et al. Social media: a tool to spread information: a case study analysis of twitter conversation at the Cardiac Society of Australia & New Zealand 61st annual scientific meeting 2013. *Collegian*, v.21, n.2, p.89-93, 2014. doi: <https://doi.org/10.1016/j.colegn.2014.03.002>.

FERNANDES L.A.; GOMES, J.M.M. Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais: características e modalidades de investigação. *ConTexto*, v.3, n.4, 2003.

FERREIRA, J.R.S.; LIMA, P.R.S.; SOUZA, E.D. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19. *Em Questão*, v.27, n.1, p.30-53, 2021. doi: <https://doi.org/10.19132/1808-5245271.30-53>.

FRANCO, A.P. Ensino Superior no Brasil: cenário, avanços e contradições. *J. Pol. Educ.*, v.2, n.4, p.53-63, 2008. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/jpe.v2i4.15028>.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IGBINOVIA, M.O.; OKUONGHAE, O.; ADEBAYO, J.O. Information literacy competence in curtailing fake news about the COVID-19 pandemic among undergraduates in Nigeria. *Ref. Serv. Rev.*, v.49, n.1, p.3-18, 2021. doi: <https://doi.org/10.1108/RSR-06-2020-0037>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

KALIL, I.; SANTINI, R. M. *Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política*. Relatório de pesquisa. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP/UFRJ, 2020.

KRABBÉ, P. Fighting fake news and preparing students for a digitally literate future. *Synergy*, v.16, n.1, 2018.

LOCKYER, B. et al. Understanding COVID-19 misinformation and vaccine hesitancy in context: Findings from a qualitative study involving citizens in Bradford, UK. *Health Expectations*, v.24, n.4, p.1159-1168, 2021. doi: <https://doi.org/10.1111/hex.13240>.

MATOS, R.C. Fake news frente a pandemia de COVID-19. *Vigilância Sanitária em Debate: Soc., Ciênc. Tecnol.*, v.8, n.3, p.78-85, 2020. doi: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01596>.

MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, L.L.P. Pandemia COVID-19: qual o lado positivo da situação? *Rev. Direito Cinema*, v.2, n.3, p.32-37, 2020.

ORSO D. et al. Infodemic and the spread of fake news in the COVID-19-era. *Euro. J. Emergency Med.*, v.25, n.5, p.327-328, 2020. doi: <https://doi.org/10.1097%2FMEJ.0000000000000713>.

PENNYCOOK, G. et al. Fighting COVID-19 misinformation

- on social media: experimental evidence for a scalable accuracy-nudge intervention. *Psychol. Sci.*, v.31, n.7, p.770-80, 2021. doi: <https://doi.org/10.1177/0956797620939054>.
- PINHEIRO, R.M.; TERUEL, C. The pandemic of COVID-19: the impacts and trends in the process of continuing teacher education. *Rev. Observatório*, v.6, n.4, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2020v6n6a11en>.
- PRAÇA, F.S.G. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. *Diálogos Acadêmicos*, v.8, n.1, p.72-87, 2015.
- RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. *Metodologia da pesquisa aplicável às ciências*. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2006.
- RODRIGUES, A L.L. et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. *Cad. Grad. Ciênc. Hum. Soc.*, v.1, n.16, p.141-148, 2013.
- SCHNEIDER, E. M.; FUJII, R. A. X.; CORAZZA, M. J. Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 9, p. 569-584, 2017.
- SONG, P. KARAKO, T. COVID-19: Real-time dissemination of scientific information to fight a public health emergency of international concern. *BioScience Trends*, v. 14, n. 1, p. 1-4, 2020. doi: <https://doi.org/10.5582/bst.2020.01056>.
- SOUSA JÚNIOR, J.H. et al. Da desinformação ao caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. *Cad. Prosp.*, v.13, p.331-331, 2020. doi: <https://doi.org/10.9771/cp.v13i2.35978>.
- SOUSA, L.V.C. *Por que as pessoas não respeitam o distanciamento social?* Nota técnica COVID-19 Nº 009, de 15 de junho de 2020. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, p. 1-6, 2020. Disponível em: https://www.sedecti.am.gov.br/wp-content/uploads/2021/01/porque_as_pessoas_ao_respeitam.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.
- SOUTO, J.T. et al. Uso da ferramenta de mídia social, instagram, como meio para contribuir na construção do conhecimento, difundir informações científicas e combater “fake news” durante a pandemia da COVID-19. *Rev. Extensão Soc.*, v.12, n.1, p.274-284, 2020. doi: <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v12n1ID20865>.
- TASNIM, S.; HOSSAIN, M. M.; MAZUMDER, H. Impact of rumors and misinformation on COVID-19 in social media. *J. Prev. Med. Public Health*, v.53, n.3, p.171-174, 2020.
- TOMÁS, R.N.; TOMÁS, L.M.N.; ANDREATTA, E.P. Da depravação ao desperdício de recursos: estratégias de desconstrução da universidade pública em redes de fake news. *Verbum. Cad. Pós-Grad.*, v.9, n.2, p.141-167, 2020.
- VAN DER LINDEN, S.; ROOZENBEEK, J.; COMPTON, J. Inoculating against fake news about COVID-19. *Frontiers Psychol.*, v.11, p.2928, 2020. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.566790>.
- VARJÃO, R. Ética cristã na internet nos tempos da pós-verdade e das fake news. *Rev. Ensaios Teol.*, v.3, n.2, p.70-80, 2017.